

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

DIEGO FRECCIA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: SATURAÇÕES DO MAR

**CRICIÚMA - SC
2015**

DIEGO FRECCIA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: SATURAÇÕES DO MAR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof^a Esp. Angélica Neumaier.

CRICIÚMA - SC

2015

DIEGO FRECCIA

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: SATURAÇÕES DO MAR

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Criciúma, 24 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Profª Angélica Neumaier - Especialista em Ensino da Arte - (UNESC) Orientadora

Profº Sergio Honorato - Mestre em Design e Expressão Gráfica - (UFSC)

Profª Leila Laís Gonçalves - Mestre - (UFRGS)

**Dedico a Deus, familiares, amigos e mestres
por mais uma conquista.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A minha noiva por estar ao meu lado sempre dando forças e colaborando por mais uma etapa em nossas vidas.

À Instituição pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

A professora Angélica, pela orientação, apoio e confiança, e a banca Sergio Honorato e Leila Laís Gonçalves por aceitar meu convite.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu amigo Helton Albino, por auxiliar na produção da obra e intermediar as conversas com os pescadores.

Aos pescadores do Farol de Santa Marta, por aceitarem fazer parte deste projeto.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

**“Você não fotografa com sua máquina. Você
fotografa com toda sua cultura.”**

Sebastião Salgado.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado 'Fotografia e Memória: Saturações do Mar' insere-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas – Linguagens do Curso de Artes Visuais Bacharelado da UNESC. Esta pesquisa busca realizar uma produção artística que possa unir a fotografia através da busca das memórias do mar nas expressões e marcas faciais e na cultura dos pescadores do Farol de Santa Marta em Santa Catarina. A pesquisa é fundamentada por textos e imagens sobre arte contemporânea, fotografia, memória e produções artísticas de importantes fotógrafos. O foco da pesquisa consiste na busca de imagens capturadas a partir da fotografia que possam transmitir visualmente as marcas deixadas pelo mar na população de pescadores da região do Farol de Santa Marta, visando valorizar a cultura dos pescadores e o mar como inspiração para realização de fotografias impregnadas de memórias.

Palavras-chave: Arte. Memória. Fotografia. Mar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Projeto Black Faces de Marta Azevedo	14
Figura 2- Seu Carmelino de Alexandre Sequeira, 2005	16
Figura 3: Projeto 'Boa lembrança' de Brodsky, 1967	18
Figura 4- Projeto Memórias, 2015	20
Figura 5- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013.....	22
Figura 6- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013.....	22
Figura 7- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013.....	23
Figura 8- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013.....	24
Figura 9- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.	26
Figura 10- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.	27
Figura 11- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.	27
Figura 12- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.....	29
Figura 13- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.....	29
Figura 14- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.....	30
Figura 15- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.....	30
Figura 16- Memórias da Infância - Praia de Jaguaruna, 1993.....	31
Figura 17- Projeto Meus Mares, 2014.	33
Figura 18- Projeto Meus Mares, 2014.	34
Figura 19- Projeto Memórias, 2015.	36
Figura 20- Projeto Memórias, 2015.	37
Figura 21- Projeto Memórias, 2015.	38
Figura 22- Projeto Memórias, 2015.	39
Figura 23- Projeto Memórias, 2015.	40
Figura 24- Projeto Memórias, 2015.	41
Figura 25- Projeto Memórias, 2015.	42
Figura 26- Galeria Miguel Rio Branco, Diálogos com Amaú, 1983.	43
Figura 27- Exposição obra ,2015.	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Km	Quilômetros
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	12
3 ARTE E ARTE CONTEMPORÂNEA	13
3.1 CONCEITO DE ARTE	13
3.2 CONCEITO DE ARTE CONTEMPORANEA	15
3.3 CONCEITUANDO FOTOGRAFIA E ARTE	16
4 A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA MEMÓRIA	19
4.1 ARTISTAS FOTÓGRAFOS	21
4.1.1 SEBASTIÃO SALGADO	21
4.1.2 ALEXANDRE SEQUEIRA	24
4.1.3 MORGAN MAASSEN	28
5 POÉTICA PESSOAL – OBJETO DE ARTE	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE (S)	49
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	50
ANEXO (S)	53
ANEXO A – PROJETO MEMÓRIAS, 2015.	54

1 INTRODUÇÃO

A fotografia é um meio de expressão que pode ser usada para diversas finalidades, sendo a principal de comunicação visual, que se transforma em arte ao expor o verídico ou o abstrato em capturas da realidade.

Como acadêmico do Curso de Artes Visuais bacharelado da UNESC, proponho reflexões a partir da arte da fotografia e memória, debatendo sobre o processo criativo do fotógrafo em busca de uma fotografia conceitual sem deixar de lado a história que uma imagem pode transmitir. A pesquisa foi conduzida na linha de Processos e Poéticas – Linguagens onde são pesquisadas as concepções teóricas e processos de criação contemplando as linguagens artísticas.

São abordadas as relações possíveis entre o mar e a fotografia, através dos registros de pessoas pesqueiras que trazem em suas faces as marcas que o tempo e o sol deixaram. Pela fotografia buscou-se a memória do mar em rostos e expressões, especificamente na comunidade de pescadores artesanais do Farol de Santa Marta – SC. Visto a importância em retratar as pessoas e suas culturas.

Para atender o presente estudo, buscou-se uma reflexão a partir da fotografia, relacionada a arte e a memória da vida dos pescadores. Ponto em que se insere o problema de pesquisa: Quais as possibilidades da fotografia no ato de captar a memória através de uma imagem?

Para se responder à questão apresentada destaca-se o objetivo geral: realizar fotografias que possam revelar as marcas deixadas pelo mar, marcas que registram memórias de um tempo vivido na atividade de pesca artesanal. E os específicos: Conceituar arte e arte contemporânea, fotografia e artistas fotográficos, Relacionar a memória com as marcas e expressões nos pescadores através da fotografia e Realizar uma obra fotográfica com manipulação digital capaz de transmitir memórias.

Este trabalho de conclusão de curso é constituído por sete capítulos sendo o primeiro a introdução onde é exposto a justificativa, problema e capítulos desta pesquisa.

No segundo capítulo, traz a metodologia a ser adotada na elaboração do presente estudo, dialogando com os autores Appolinário (2004) e Gil (2008).

No terceiro capítulo, conceitua-se arte e arte contemporânea com os autores: Fischer (1983), Azevedo Junior (2007), Bosi (1985), Cauquelin (2005),

Cattani (2002), conceituando também fotografia e arte através dos autores Rouillé (2009) e Company (2012).

No quarto capítulo, foi exposto a fotografia como expressão da memória com a contribuição dos autores Dubois (1993) e Sontag (2004).

No quinto capítulo, buscou-se na obra de fotógrafos a inspiração para minha produção artística através dos artistas Sebastião Salgado, Alexandre Sequeira e Morgan Maasen.

O sexto capítulo, trata-se da poética pessoal do autor, que através de uma produção artística procura destacar as marcas e memórias do tempo que a vida no mar deixa nos pescadores e, assim, foi posto em evidência a história da vida da pessoa. Marcas faciais que vão aparecendo com tempo e construindo memórias.

Neste sentido, foi proposto um olhar diferenciado através da fotografia, onde o autor buscou expressar em registros fotográficos as imagens onde o foco principal são as marcas que a vida deixa nas pessoas.

Finalmente no sétimo capítulo se apresenta a conclusão desta pesquisa.

2 METODOLOGIA

Este trabalho tem como proposta descrever as possibilidades da fotografia no ato de captar a memória através de uma imagem. Para isso, foram abordados os temas de fotografia e arte, e fotografia como expressão da memória, de forma a pontuar as possibilidades de manipulação que a fotografia exerce, na identificação cultural e lembranças do retratado.

Assim, a natureza deste projeto delimitou-se a pesquisa básica, que Appolinário (2004) apresenta como principal finalidade de gerar novos conhecimentos científicos, sem nenhuma preocupação em aplicar de imediato os resultados.

Quanto aos objetivos classificam-se como pesquisa exploratória. Segundo Gil (2008) esse tipo de pesquisa tem como objetivo, proporcionar o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, com um planejamento bem flexível que possibilita várias considerações dos aspectos relativos ao estudo.

A abordagem será qualitativa e tem como propósito obter uma compreensão das possibilidades de representação de memória, bem como produzir uma foto arte. Os procedimentos qualitativos preocupam-se com fenômenos onde os fatos são interpretados pelo observador (APPOLINÁRIO, 2004)

Os procedimentos técnicos se deram a partir da pesquisa bibliográfica, encontrada em livros, artigos e internet, conforme aponta Gil (2004, p.65) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

A coleta de dados será por meio da observação e análise da construção de uma foto arte relacionada a memória e identidade, tendo como foco os pescadores artesanais do Farol de Santa Marta, SC.

3 ARTE E ARTE CONTEMPORÂNEA

Para o presente estudo, torna-se relevante expor os conceitos de arte e arte contemporânea para que se tenha uma melhor compreensão sobre a obra artística. Ressaltando, que o conceito de arte gera inúmeros debates entre pensadores, e cada autor tem sua designação da conceituação sobre tal.

3.1 CONCEITO DE ARTE

A arte é um meio de colocar em equilíbrio o homem com o mundo que o rodeia, caracterizando um reconhecimento parcial da natureza da arte e sua necessidade, haja visto que não é de se esperar um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que o cerca, indicando que a arte não só foi necessária no passado, como continuará sempre. (FISCHER, 1983).

De acordo com Azevedo Junior (2007), arte é conhecimento, e vem como uma das primeiras manifestações da humanidade. Ela é utilizada para marcar sua presença em determinados lugares criando objetos e formas como pinturas em cavernas, templos religiosos, roupas etc.. Representa sua vivência no mundo, comunicando e manifestando suas ideias, emoção e vivência para os outros. Conseqüentemente, quando o homem faz arte, não precisa evidenciar de modo exato o mundo real e sim, como poderia ser, conforme a visão de cada observador. Deixando claro que a arte e o seu valor não estão na figura fiel a vida, mas sim, na representação simbólica do mundo humano.

O artista é aquele que desenvolve a obra, iniciando do seu conhecimento concreto, abstrato e individual, transferindo e expressando suas ideias, sensações e sentimentos em um objeto artístico. Para elaborar a obra, o artista precisa conhecer e experienciar os materiais a serem utilizados para o seu trabalho, aplicar as técnicas de acordo com cada proposta.

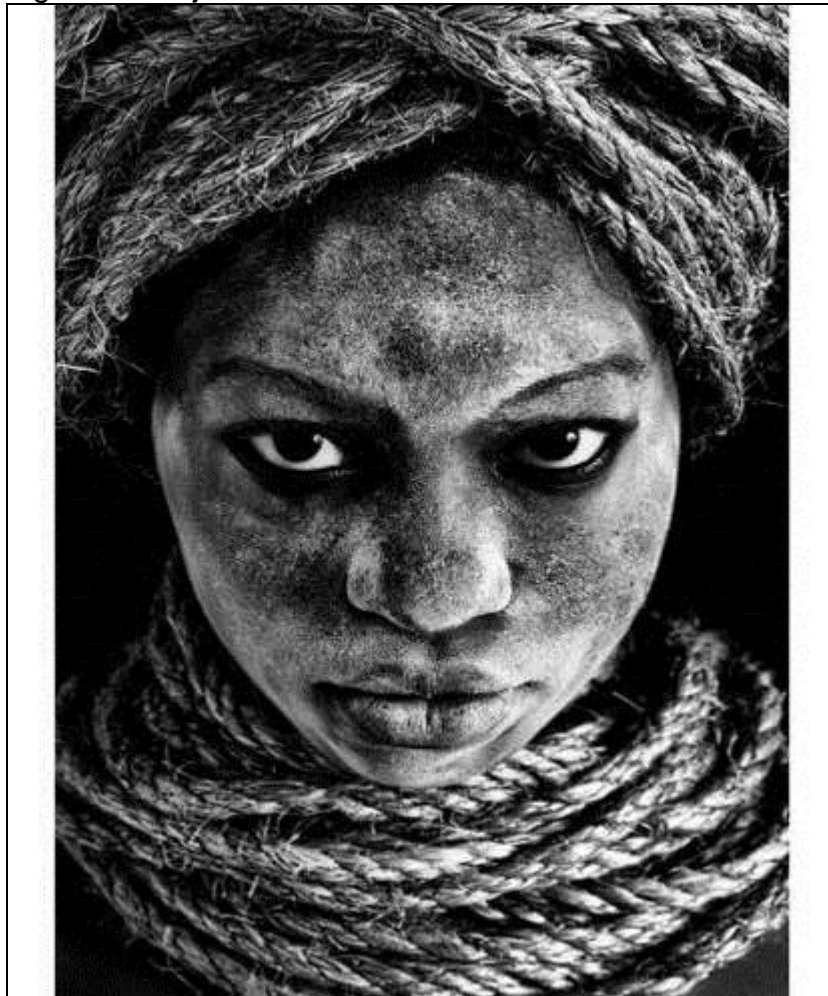
O observador é mais um elemento, faz parte do público, vem ao encontro do artista, analisa a obra e o seu contexto para chegar ao conhecimento de mundo que ela contém. Em vista disto o observador precisa de disponibilidade, junto com algum conhecimento do mundo artístico, assim poderá entender, observar, criticar e emitir opiniões sobre a obra e seu contexto, fazendo relação com seu próprio ponto de vista. “A arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite

e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico (desenho, pintura, escultura, arquitetura etc.) e que possui em si o seu próprio valor” (AZEVEDO JUNIOR, 2007, p.3).

Segundo Bosi (1985) arte é construção, é a tentativa do ser humano em desligar-se do mundo, desligar-se de si mesmo. É onde o homem transmuta a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Em produção presume um trabalho mental e manual, que indique uma ideia estética (perfeição, harmonia e beleza). Vinculando esta ideia a uma técnica, formando assim uma tradição modelo. Em estudos recentes estes paradigmas normativistas são quebrados, já que a liberdade artística fez com que surgissem normas pertencentes a obra a qual fosse analisada.

A técnica é indispensável ao artista, mas a criatividade deve ser um ponto forte, ressalta Bosi (1985).

Figura 1- Projeto Black Faces de Marta Azevedo



Fonte: Disponível em: <www.martaphotos.com> Acesso em: 03/04/2015.

3.2 CONCEITO DE ARTE CONTEMPORANEA

Segundo Cauquelin (2005) para aprender a arte como contemporânea e diferenciar da totalidade das produções artísticas, precisamos estabelecer critérios e distinções, não sendo somente com os conteúdos das obras, formas ou de como é feita, nem por pertencer a esse ou aquele movimento sendo ou não de vanguarda, dito isso teríamos que encarar a abundância de 'agoras', fazendo com que busquem em temas, ou sucessão temporal, neo, pré ou pós tentativas de justificar obras de artistas contemporâneos. "Arte não é discurso, é ato. A obra se elabora através de gesto, procedimentos, processos, que não passam pelo verbal e não dependem deste" (CATTANI apud BRITES; TESSLER, 2002, p.37).

Segundo Cattani (2002) por não conter um caráter discursivo é que a arte pode abrigar uma multiplicidade de discursos. Mesmo que nenhum a traduzirá, todos serão válidos. O próprio artista poderá comentar sobre o processo de sua obra, expor os materiais e técnicas que utilizou, mas sem entregar todo o conceito, para não haver perdas ou descaminhos.

O artista nunca tem plena consciência de sua obra: entre as suas intenções e sua realização, entre o que quer dizer e o que a obra diz, há uma diferença. Essa diferença é realmente a obra. Assim o espectador interpreta e refina o que vê. A diferença se transforma em outra diferença, a obra em outra obra (PAZ apud CATTANI, 2002, p.37).

Quando o artista deixa o espectador livre para interpretar a obra, existe uma abundancia de ideias e pensamentos, tomando várias formas e sentidos, como diz Cattani (2002, p.38) "uma obra é uma máquina de significar", colhendo uma pluralidade de sentidos e indo além deles.

Ainda conforme Cattani (2002), na arte contemporânea notadamente percebemos questões novas, existindo atualmente dois elementos artísticos adversos, de uma parte a evolução da tecnologia e novas mídias, erguendo uma nova visualidade, não somente no mundo artístico, mas também no social como um todo; em contrapartida, as releituras, recursos variados do passado e auto referências, marcam acima de tudo o que se aceite chamar de pós-modernidade na arte.

Usando elementos da modernidade entre outros períodos, mesmo sendo esses elementos separados, na prática muitas vezes eles trabalham muito próximos, por exemplo obras feitas em computadores com linguagens da era moderna.

Figura 2- Seu Carmelino de Alexandre Sequeira, 2005



Fonte: Disponível em: <<http://alexandresequeira.blogspot.com.br>>. Acesso em: 14/04/2015.

3.3 CONCEITUANDO FOTOGRAFIA E ARTE

Nem tudo é arte, mas tudo pode se transformar em arte, qualquer material pode se transformar em arte, desde que passe por um procedimento artístico, torne-se uma questão de procedimento e de crença (ROUILLÉ, 2009).

Rouillé (2009) descreve que o surgimento da fotografia se deu entre o entrelaçamento de dois dispositivos seculares: a câmara escura e a sensibilidade à luz de certas substâncias. E dessa introdução do universo óptico com o da química, resultou no primeiro sistema de registro por meio da ação da luz sobre um filme, com

a utilização de uma máquina.

O mesmo autor acima aponta que a fotografia conquistou, no último quarto do século XX, um lugar de primeiro plano na arte contemporânea, gerando condições para um novo tipo de arte, uma arte tecnológica, na qual o saber-fazer se atenuaria em um saber-enquadrar.

A fotografia vem a cada dia ganhando mais seguidores e servindo ainda mais como instrumento para novas produções artísticas.

Na contemporaneidade, espaço temporal no qual esta pesquisa está localizada, a fotografia é um importante instrumento de comunicação, uma ferramenta utilizada pelas sociedades para memorizar momentos e registrar fatos por meio de imagens.

Campany (2012) argumenta que para que a fotografia fosse reconhecida como arte, era importante demonstrar aos críticos como a imaginação e a idealização poderiam ser expressas fotograficamente, assim voltavam suas câmeras para temas pictóricos, como paisagens e ruínas, aplicando regras consagradas de composição artística e iluminação, combinavam a mídia realista com temas imaginários, elevando o status de fotografia para 'grande arte'.

No período da pop arte, usavam a fotografia não só como um instrumento de documentação imparcial, mas também como uma ferramenta que oferece um modelo para compreensão da natureza, da história e da cultura, questionavam também se a documentação resultante de uma obra de arte efêmera pode se tornar, ela própria, uma obra de arte (CAMPANY, 2012).

Benjamin (1985) aponta que, com o domínio desse instrumento, as técnicas de arte também se modificaram, ao reproduzir seus quadros não a partir da natureza observada diretamente, mas através dos retratos fotográficos, usados pelos artistas como recurso auxiliar como ferramenta da arte, dispensando a presença também de modelos para as pinturas dos corpos. Para Rouillé (2009) a fotografia é mais que uma ferramenta, é um meio de ver, que aperfeiçoou as técnicas dos pintores, pois ela revela muito mais que os quadros pintados, uma vez que, com a câmera, a realidade, o instante despercebido torna-se visível e detalhado, ampliando o campo das percepções alcançados até então nas obras de arte.

Campany (2012) cita o projeto de Brodsky, 'Boa lembrança' que ao transpor um material particular de família e testemunhos pessoais para a esfera

pública, o artista proporciona a outros a oportunidade de se identificar e compreender acontecimentos distantes, onde explora a capacidade da fotografia de criar um lugar de meditação entre histórias coletivas e lembranças pessoais. A fotografia é um hobby que Brodsky tem desde pequeno, com 10 anos de idade ganhou sua primeira câmera e aos 12 anos começou a fazer fotos.

Figura 3: Projeto 'Boa lembrança' de Brodsky, 1967



Fonte: Disponível em: <www.jornaldafotografia.com.br>. Acesso em: 04/05/2015.

A fotografia oferece mais do que uma representação mecânica, é uma linguagem não verbal que revela os conceitos tradicionais, identidades e cultura, sendo parte importante para a história, como fonte de arquivo e memória, e quando manipulada, sendo digitalmente ou na sua própria composição de cena, poderá ser considerada arte.

4 A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA MEMÓRIA

Dubois (1993) observa que a obsessão é o que faz de qualquer foto se aproximar do visual exato da lembrança. Assim uma foto pode ser sempre uma imagem mental, de outro modo, nossa memória tão somente é feita de fotografias.

Através de alguns grandes textos latinos como, o *De Oratore* de Cícero, a *Institutio oratória* de Quintiliano e a *AD Herennium* de autor desconhecido, a ‘arte da memória’ nos foi transmitida, nascendo na antiguidade grega. Nos quais é definida como umas das cinco grandes categorias da antiga retórica, concebida como um conjunto de regras que permitiam ao orador inscrever com facilidade, na virtualidade de sua memória. No livro *AD Herennium*, o autor desconhecido recorre a definição ‘a arte da memória é exatamente como uma escrita interior’ de outro modo elas traduzem claramente a valorização que é feita do sentido da visão.

Cícero (apud DUBOIS, 1993) de todas as impressões, as que se fixam mais profundamente na mente, nos foram transmitidas pelo sentido mais sutil o da visão. “Recorrer a imagem é, portanto, o meio mais seguro de conservar a lembrança de algo, mesmo se se tratar de uma palavra, ou de um pensamento” (CÍCERO apud DUBOIS, 1993, p.316).

O exercício visual da memória será feito em pensamento, e é por aí que a arte da memória alcança a fotografia. Sem dúvida a fotografia está presente o tempo todo em nossa mente, basta exercitar o pensamento e surgem imagens e lembranças. O tempo vai passando e com ele cada vez mais vamos armazenando histórias e marcas que a vida nos deixa. O processo fotográfico encontra-se na parte de registrar os momentos, deixando guardadas essas marcas.

E minha pessoa de hoje não passa de uma pedreira abandonada, que julga igual e monótono tudo quanto encerra, mas de onde cada recordação, como um escultor grego, tira inúmeras estátuas. Falo em coisas revistas por que, atuando os livros nisso como coisas, o modo pelo qual se abria sua lombada, o grão de seu papel pode ter conservado, tão viva, como as frases do texto, a lembrança de como eu imaginava então Veneza e de meu desejo de visitá-la. Mais viva até, pois estas por vezes perturbam, como certas fotografias, que nos fornecem do modelo uma imagem menos fiel do que nossa memória (PROUST, 2002, p.164).

Proust (2002) mostra nesse trecho que acredita na presença da relação entre memória e fotografia, mesmo parecendo que a fotografia venha parecer menos fiel que a memória.

Sontag (2004) discute sobre um fato, ao analisar que as fotografias se tornam mais memoráveis em contrapartida das imagens em movimento, em razão de ser um nítido pedaço de tempo, e não uma série.

A televisão é um fluxo de imagens pouco selecionadas, em que cada imagem cancela a precedente. Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes. (SONTAG, 2004, p.28)

Também de acordo com Dubois (1993) a imagem do ato fotográfico detém, fixa, destaca, imobiliza, captando nela um único instante. Ambos autores deixam claro o valor de uma foto, o momento único capturado que poderá ser observado e lembrado por anos.

Para Benjamin (1985), a experiência pode ser relacionada ao aprendizado de acordo com os fatos passados aliados as percepções sentidas, nas quais alimentam a memória. É disponibilizada através da passagem pela tradição. A tradição é a estrutura onde se deposita essa experiência. Assim, o indivíduo que possui ou passa por alguma experiência é aquele que acolheu do conhecimento compartilhado, que permitiu o passado interferir no presente e que sempre estimula a memória.

Figura 4- Projeto Memórias, 2015



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

4.1 ARTISTAS FOTÓGRAFOS

Iniciando minha poética pessoal busco conhecer o trabalho de fotógrafos como referência para minha obra.

4.1.1 SEBASTIÃO SALGADO

Trago Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro de Minas Gerais, graduado e Pós-graduado em Economia, teve acesso ao mundo da fotografia aos 29 anos em uma viagem à África, desde o início buscou retratar os excluídos. Adepto a fotografia preto e branco, deu início a sua carreira em Paris em 1973 como *free lance*¹, passou pelas principais empresas do ramo em Paris, conforme apontou Vinicius (*online*, 2015).

Foi viajando por vários países e registrando fotografias documentais que deu início ao seu primeiro livro, 'Outras Américas' (1986).

A fotografia acabou se tornando uma obsessão, e segundo Vinicius (*online*, 2015) foi através de projetos com anos de duração, que Sebastião conseguiu capturar lindas imagens abrangendo o lado humano da história global, envolvendo diversas vezes, mortes e destruição. Sebastião entregou sua vida à fotografia, ele viveu a fotografia, o seu estilo nos traz imagens fortes trabalhando sempre o contraste entre o preto e o branco, imagens ricas em detalhes que nos fazem viajar no tempo, evidenciando culturas, tribos e costumes.

Em visita a exposição fotográfica Gênesis de Sebastião Salgado em Porto Alegre no ano de 2013, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência única, estar frente a frente com lindas fotografias (figuras 5, 6, 7 e 8). Além de trazer qualidade em imagens relacionadas aos processos fotográficos, Salgado traz todo um conceito sobre suas obras, são imagens ricas em detalhes, identifiquei-me muito com seu trabalho, fotografias em preto e branco, expressões humanas e de certa forma expressões da natureza.

¹ Profissão autônomo.

Figura 5- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 6- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013



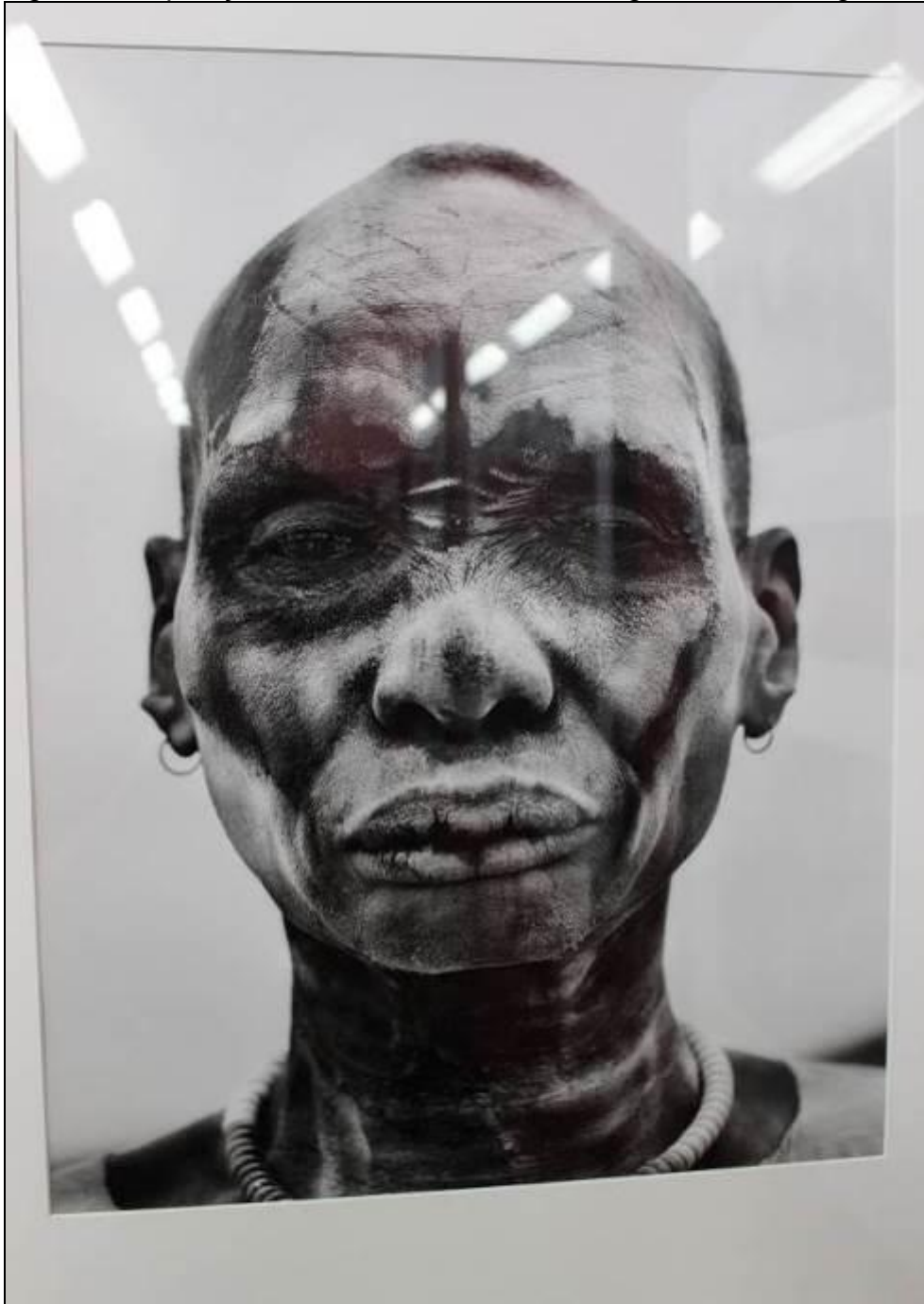
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 7- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 8- Exposição Genesis de Sebastião Salgado, Porto Alegre/RS 2013



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

4.1.2 ALEXANDRE SEQUEIRA

Conforme descreveu Cavalcanti (*online*, 2015) Sequeira é formado em arquitetura pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professor do Instituto de Ciências da Arte da mesma universidade, especialista em semiótica e artes visuais, Mestre em Arte e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Sequeira é artista plástico e fotógrafo, e desenvolve trabalhos que utilizam a fotografia como vetor de interação e troca de impressões com indivíduos ou grupos. O artista envolve além da fotografia, a serigrafia, usa sua câmera para construir intimidade, respeito e amizade. O artista constrói uma ligação muito forte com as pessoas e os lugares onde fotografa, usa sua câmera como sua companheira, apontou Cavalcanti (*online*, 2015).

Seu trabalho realizado em uma pequena vila em Nazaré de Mocajuba, Belém do Pará, fez-me refletir muito sobre a fotografia e a sua capacidade de emocionar, trazer memórias e sensações. Uma vila muito isolada com apenas duas ruas, onde os moradores vivem do que plantam e pescam. Fonte de inspiração para meu trabalho com pescadores do farol de Santa Marta, onde os mesmos vivem da pesca.

Ao passar do tempo com o povo da vila, Sequeira começa a fotografar as tradições e festas locais, ficando encantado com as pessoas e seu cotidiano. Foi bem acolhido e criou afeto e admiração pela vila. Em meio aos trabalhos aconteceram vários pedidos do povo local para realizar fotografias de documentos, e também fotografias para servir de recordação e memória de alguém. O artista também recebeu algumas fotos de pessoas que já haviam falecido, fotos já desgastadas com o tempo, eram as últimas recordações de entes queridos.

Realizou assim o trabalho de restauração dessas imagens, trazendo a memória por traz da fotografia. Desta forma o artista teve mais acesso as residências dos nativos, após conhecer melhor suas casas, acabou se encantado com os seus objetos pessoais, como as cortinas usadas em lugares de portas, propôs realizar trocas onde daria uma cortina nova ou rede, pela cortina usada, já no intuito de realizar sua obra.

Após o término das fotografias, o artista começou a transpor as imagens dos nativos no computador, deixando-as em tamanho real, em seguida reproduziu cada uma através da serigrafia sobre itens pessoais que havia trocado, logo transformando objetos simples em outra dimensão, numa esfera acolhedora e fascinante, transcrevendo os traços e a vida de pessoas simples em obras de arte. Emocionando não só o público, mas também as pessoas retratadas.

Os tecidos são peças únicas e não estão a venda (figuras 9, 10 e 11). Um trabalho que encanta e emociona, apresenta uma história, uma tentativa de aproximar o público com a experiência que o artista viveu.

Figura 9- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.



Fonte: Disponível em: <<http://www.culturapara.art.br>>. Acesso em: 14/04/2015.

Figura 10- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.



Fonte: Disponível em: <<http://www.culturapara.art.br>>. Acesso em: 14/04/2015.

Figura 11- Impressões de um Lugar, Alexandre Sequeira, 2005.



Fonte: Disponível em: <<http://www.culturapara.art.br>>. Acesso em: 14/04/2015.

4.1.3 MORGAN MAASSEN

Morgan Maassen nasceu em 1991 em Santa Bárbara, Califórnia, pouca idade e muito talento. Fotógrafo, cineasta e artista, Maassen destaca-se no mundo da fotografia pelos seus trabalhos trazendo movimento, e ao mesmo tempo uma imensa tranquilidade. O trabalho de Maassen prova que existe muita arte através de suas lentes, MM, como é conhecido, mostra toda a poesia que existe no mar e no surf, ele consegue captar a essência e a tranquilidade do mar, mesmo que o assunto a ser fotografado seja uma figura lendária do surf ou um simples pescador. (MAASSEN, *online*, 2015)

O mesmo autor diz que o fotógrafo é filho de pescadores, cresceu na praia em meio a surfistas e a comunidade pesqueira. Quando criança, seus pais não tinham dinheiro para pagar uma boa escola, mas nem por isso Maassen desanimou, hoje em dia pode orgulhar-se de já ter trabalhado com marcas como a Apple, Nike, Mini Cooper, Corona, etc.

A calma que suas fotos transmitem é surpreendente, considerando suas condições de trabalho habituais. Maassen, que também é surfista, retrata o esporte com a mais pura beleza, não deixando de lado as praias e suas culturas. Nas lentes de Maassen não precisa ser um surfista famoso em uma bela praia ensolarada, Morgan transforma um dia cinzento em obra de arte. Sua visão do homem diante do mar é única, sempre buscando se distanciar do óbvio. Ele busca retratar o lado belo das coisas, seja uma tempestade, uma manobra ousada ou mesmo a fúria do mar.

A relação de Maassen com o mar é muito parecida com a minha, desde pequeno convivo na praia, mar e pescadores, suas fotografias sempre me lembram da minha origem, me identifico muito com seu estilo de fotografar.

As imagens (figuras 12, 13, 14 e 15) trazem um pouco de toda a poesia de Morgan Maassen, as mesmas são de seu arquivo pessoal.

Figura 12- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.



Fonte: Disponível em: <www.morganmaassen.com>. Acesso em: 14/04/2015.

Figura 13- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.



Fonte: Disponível em: <www.morganmaassen.com>. Acesso em: 14/04/2015.

Figura 14- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.



Fonte: Disponível em: <www.morganmaassen.com>. Acesso em: 14/04/2015.

Figura 15- Fotografia de Morgan Maassen, s/data.



Fonte: Disponível em: <www.morganmaassen.com>. Acesso em: 14/04/2015.

5 POÉTICA PESSOAL – OBJETO DE ARTE

“Quando a gente fica em frente ao mar, a gente se sente melhor.”

(NANDO REIS, 2003).

Trago minha poética falando sobre a minha ligação com o mar. Nasci em Jaguaruna - SC, uma cidade que possui 37 km em extensão litorânea, conhecida também como cidade das praias. Meus avós possuíam uma casa bem próxima ao mar e meus pais sempre passavam o verão junto a eles. Em minha memória, tenho recordações de quando era criança em que ficava parado em frente a casa observando os barcos que passavam, em alguns momentos grandes embarcações, em outros pequenos barcos pesqueiros. Todos meus familiares gostavam de praia, tínhamos praticamente um ritual em que todas as manhãs e finais de tarde íamos para a beira mar, ficávamos horas dentro do mar, lembro bem de meus avós catando mariscos onde mais tarde seriam servidos à mesa.

Essas memórias estão sempre muito presentes em minha vida, observando fotografias antigas, como a figura 16, lembro-me do exato momento em que foi feita cada imagem.

Figura 16- Memórias da Infância - Praia de Jaguaruna, 1993.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na fotografia (figura 16) vemos eu e meu irmão Maicon na praia de Jaguaruna no verão de 1993, nossa maior diversão era ficar dentro d'água e poder desfrutar ao máximo aquele momento. Aprendi a nadar bem cedo observando meus tios tomando banho de mar.

O tempo foi passando e minha mãe aos poucos foi permitindo que eu fosse para a beira mar acompanhado de meus primos e irmãos, ficávamos a tarde toda dentro do mar, fazendo com que alguns momentos chegassem em casa quase congelando, e em outros vermelhos (torrados) do sol. Toda essa relação de mar e família foi fortalecendo-se com o passar dos anos, e fez com que esse ambiente da praia fosse meu porto seguro.

O tempo passou e aos 14 anos comecei a surfar, esse talvez foi o caminho que encontrei para ficar mais próximo do mar que me faz tão bem.

Continuo esse convívio até hoje, porém trago um novo olhar em relação ao mar, consigo observar as ondas e apreciar as diferentes tonalidades de cores que aparecem dependendo do brilho do sol, tento buscar memórias observando os pescadores que trazem em sua maioria, marcas faciais adquiridas com o tempo, fruto de anos de trabalho em contato com o sol, vento e chuva. Busco uma relação onde possa encontrar a experiência, as lembranças e a realidade do indivíduo, procuro essa união de imagens e memórias.

Assim inicia minha relação com a fotografia, através desta união de imagens e lembranças, e como já foi colocado, a fotografia e a memória possuem uma relação muito próxima. Sempre gostei de olhar álbuns antigos da família, isso sempre me chamou a atenção, sendo que na maioria das fotografias que observava era da época de meus avós e meus pais, eu não estava presente, e era isso que me deixava mais curioso, o pensamento flui através do imaginar de como foi o dia da foto, o que estavam fazendo ou pensando. Muitas vezes perguntava para meus pais com o objetivo de me informar sobre a imagem, outras vezes deixava por conta da minha imaginação, observava as fotos e tirava minhas próprias conclusões.

Até os dias de hoje quando observo alguma fotografia, principalmente as que trazem expressões reais, fico me perguntando, o que passou no momento do clique, da ligação do fotógrafo com o assunto a ser fotografado, do risco etc.

A fotografia foi tomando um espaço muito grande em minha vida, após iniciar o curso de Artes Visuais bacharelado na UNESC, o interesse pelo assunto aumentou, somando o estudo mais aprofundado em algumas disciplinas, tive a

oportunidade de conhecer melhor esta linguagem. A vontade de registrar momentos únicos, lugares diferentes e buscar um olhar diferenciado principalmente em relação ao mar, foi minha inspiração e tornou-se meu projeto inicial.

Aprecio a fotografia em preto e branco, a meu ver a imagem se torna forte, marcante. Em meu primeiro projeto relacionado ao mar, busco as linhas das ondas, o movimento e a força das águas. Em conjunto com o olhar artístico em construção e técnicas fotográficas, capturo imagens que trazem a sensação de estar observando um desenho ou uma pintura, lembrando que essas imagens (figura 17 e 18) não passaram por manipulação digital.

Figura 17- Projeto Meus Mares, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 18- Projeto Meus Mares, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Esse projeto (figuras 17 e 18) realizado em 2014 na praia de Jaguaruna proporcionou-me muita satisfação como artista em construção, e serviu como fonte de inspiração para minha poética no trabalho de conclusão de curso.

Já com um olhar artístico mais direcionado às expressões faciais humanas, e ainda tendo como foco o mar, capturei imagens de pescadores com a intenção de mostrar fotografias que consigam transmitir expressões fortes, evidenciar marcas que o tempo deixou nestas pessoas, trazendo a tona, como já discutido, memórias, lembranças do mar nos pescadores locais através de uma fotografia.

Procuo fazer com que essas imagens rompam o olhar rápido que norteiam a vida contemporânea, buscando um olhar mais demorado, capaz de vagar, de buscar por detalhes.

Comecei fotografando pescadores do Farol de Santa Marta, localizado em Laguna SC, que fica ao lado da cidade de Jaguaruna. A história da região é de aproximadamente 5.000 anos, testemunhados pela presença dos maiores sítios arqueológicos Sambaqui do mundo. O cabo de Santa Marta ganhou esse nome em 1502, quando segundo o historiador Lucas Boiteux, o comandante André Gonsalves

teria chegado à região em 23 de fevereiro, dia de Santa Marta segundo calendário romano. As primeiras famílias que habitaram o local foram de imigrantes açorianos, por volta de 1748. O Farol de Santa também é conhecido como a esquina do atlântico, devido a sua posição geográfica, que por conta disso foi responsável por inúmeros naufrágios resultando em um cemitério de navios no fundo do mar. Até que em 1880 a Marinha constatou a necessidade de um Farol, e finalmente em 1891, no dia 11 de junho às 17 horas e 6 minutos a lâmpada do farol foi acesa.

O farol além de guiar os navegantes, compõe a beleza e a cultura da região, e em conjunto com a natureza e a vila de pescadores formam um espetáculo único.

Em maio de 1909, chega seu Eliziário Patrício, que em 1947 em depoimento a revista Vida Doméstica, nos leva à reflexão:

Aqui chegamos em primeiro de maio de 1909. Tudo isso era mato. Não morava aqui mais ninguém, a não ser os faroleiros. Quando chegamos, por não termos onde nos abrigar, fizemos uma barraca com a vela da nossa canoa, e aí moramos por muitos dias, até que fizemos um rancho de palhas. Hoje isto está como o senhor vê, todo povoado. Não sei se fiz bem ou mal (FUNDAÇÃO, *online*, 2015, p.1)

O Farol sempre foi meu destino em dias de boas ondas, com o tempo fui observando e respeitando os pescadores e os períodos de pesca, onde os surfistas não entram na água para não atrapalhar os pescadores.

A grande maioria da população vive da pesca, seja para a venda em cidades vizinhas ou para abastecer seus restaurantes locais. Além da comunidade pesqueira e boas ondas, o Farol de Santa Marta oferece uma natureza exuberante, ótima comida e um povo acolhedor, convite mais que perfeito para uma proposta artística.

No primeiro dia de produção das imagens para o projeto tive o auxílio de um amigo nativo do farol de Santa Marta, para ajudar a chegar aos barracões onde ficam as embarcações, redes, todos os materiais necessários para a pesca e também ajudou a ter os primeiros contatos com os pescadores.

Neste dia conheci um dos pescadores mais antigos do Farol de Santa Marta, o senhor João de Andrade Filho, natural de Laguna. Veio para o Farol ainda criança junto de seus pais e começou a pescar com 14 anos de idade, João foi muito receptivo, mostrou seu barracão de pesca e suas embarcações, explicou algumas

técnicas utilizadas em alto mar, o número de pessoas que cabem no barco e a quantidade de peixe que o barco suporta. Com o acolhimento do pescador, me senti mais a vontade para realizar as fotografias. Nas imagens (figuras 19 e 20) podemos observar o senhor João ao lado de sua embarcação, e como o tempo de pesca já deixou marcas em sua vida.

Figura 19- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 20- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Além do difícil acesso ao Farol de Santa Marta por conta das estradas em péssimo estado, tive dificuldades no início, pois ainda tinha certo receio de fotografar

outras pessoas, e também um pouco de vergonha. Com o passar dos dias isso foi melhorando, devido à convivência maior com os pescadores.

No segundo dia de visita ao Farol de Santa Marta, na tentativa de capturar novas imagens para o projeto, o céu estava com poucas nuvens proporcionando uma iluminação ótima para realizar as fotografias, no caminho passando pela barra do Camacho², local onde acontece o encontro da água doce da lagoa com o mar, o bairro também é muito conhecido por possuir uma grande comunidade pesqueira, fica na divisa entre Jaguaruna e Laguna, me deparei com pescadores jogando as tarrafas de pesca no canal da barra, naquele momento parei o carro, preparei a câmera e aproveitei para capturar lindas imagens (figura 21), trazendo um pouco da cultura local.

Figura 21- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na fotografia (figura 21) aproveitei o posicionamento para fotografar contra a luz do sol, dando um destaque maior a silhueta do pescador e deixando a luz passar entre as linhas da tarrafa.

Nas fotografias (figuras 21 e 22), mesmo não sendo imagens que trazem marcas faciais, elas trazem muita memória em sua composição, como exemplo o

² Camacho é um bairro pertencente ao Município de Jaguaruna – SC.

movimento que é feito ao jogar a tarrafa, na maioria das vezes vem de tradições familiares que vão transmitindo-se entre as gerações de pescadores, e também de muita prática. Sobre esta experiência ocasionada pela prática e ensinamentos, Benjamin (1985) cita que manter relação com fatos passados, alimenta a memória, quando repassada pela tradição. Como no caso dos pescadores, que trazem a experiência do movimento de jogar as tarrafas, o momento certo de puxá-las novamente, de como amarrar e etc. Sempre em busca de memórias.

Figura 22- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Após realizar algumas fotografias no local, retomei o caminho ao Farol de Santa Marta e ao chegar, encontro as embarcações na beira mar, os pescadores acabavam de chegar da pescaria. Observei uma movimentação de pessoas, nativas e visitantes para efetuar a compra diretamente com os pescadores. A venda e o recolhimento dos barcos para os galpões aconteceram de forma muito rápida, mesmo assim proporcionando alguns momentos de conversa com os pescadores, consegui capturar em imagens a expressão dos pescadores após um dia de pesca em alto mar (figura 23).

Figura 23- Projeto Memórias, 2015.



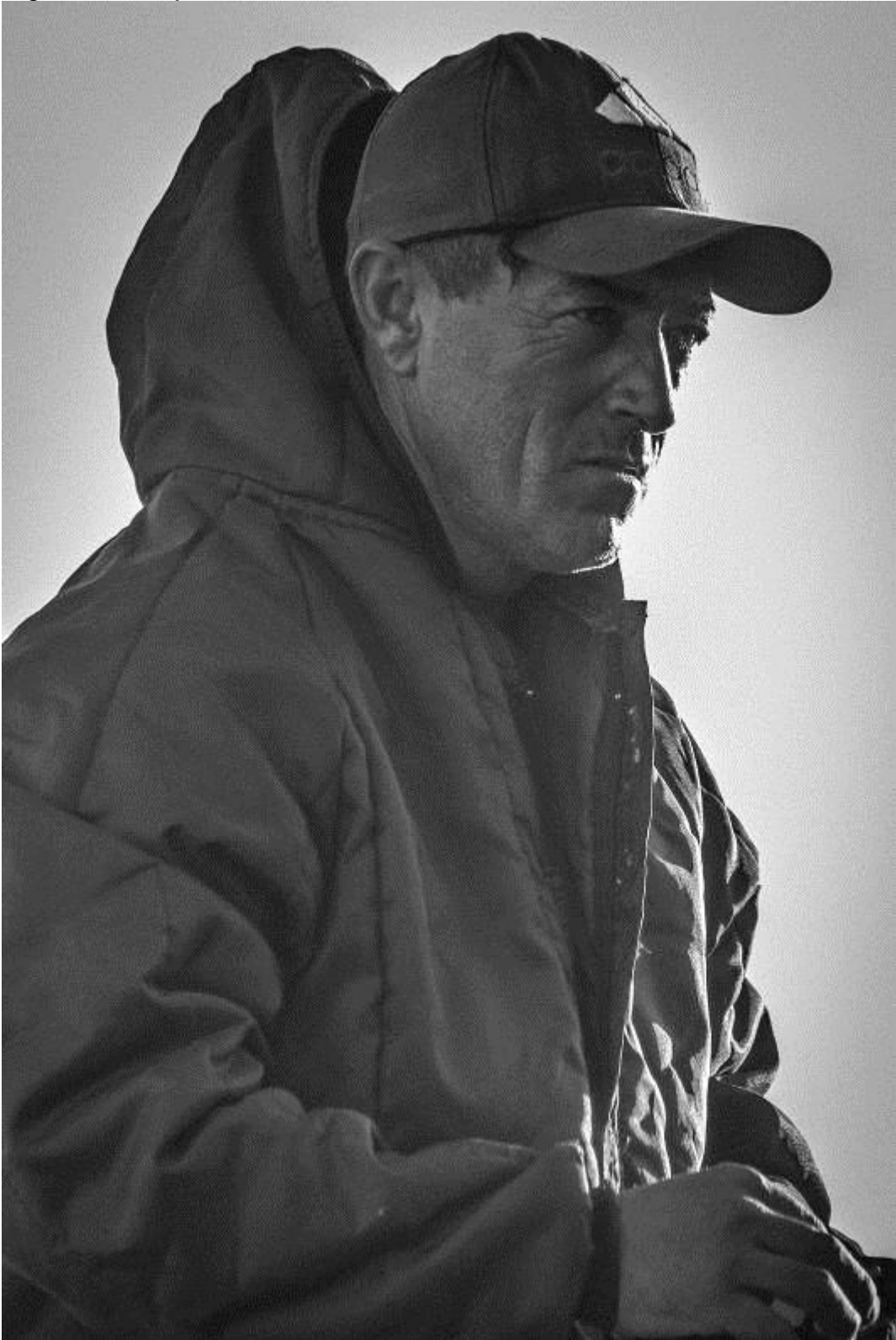
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Novamente fiquei muito tranquilo na hora de capturar as imagens, os pescadores são muito acolhedores. Procurei evidenciar em algumas imagens um pouco da história do pescador, meu olhar estava direcionado às expressões, em suas marcas deixadas pelo tempo. As imagens remetem à memória, o observador pode não ter nenhuma ligação com o retrato ou a história que ali se passa, mas ao observar fica livre para imaginar conectando-se com as imagens expostas pelo pesquisador.

Essa é uma inquietação que procuro evidenciar nas imagens capturadas, não precisamos estar presentes, conhecer o local ou entender de pesca para poder compreender a imagem, a imagem está disponível para o observador interpretá-la. Segundo Dubois (1993), a imagem capturada exerce esse poder de trazer à tona um objeto de olhar de observação. Muitas vezes remetendo histórias passadas, memórias e sensações.

As expressões, as marcas que podemos observar nas imagens (figuras 23 e 24) capturadas de cada pescador, reforça o que já disse acima, cada um traz em sua face, corpo, olhar, uma história, uma trajetória de vida, na qual cada um tem a sua essência, cada um a sua memória.

Figura 24- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na imagem (figura 25) podemos observar uma camionete usada para o transporte das caixas de peixe, muito antiga com ferrugem e buracos. Até mesmo essa imagem consegue exercer o nosso olhar voltado à memória, pode levar o

observador também a se perguntar, o quanto de história ou até mesmo gerações esse automóvel já transportou? Ele também remete às memórias do próprio pescador.

Ao observar melhor a imagem (figura 25) podemos constatar uma pequena capela em cima das pedras com o nome de lemanjá³, considerada por muitos pescadores como 'Rainha do Mar'. No momento em que estava fotografando os pescadores, um deles me chamou, e perguntou se a minha câmera conseguiria alcançar até a capela, pois uma mãe de santo iria colocar velas para lemanjá agradecendo pela pescaria do dia, ele queria que eu registrasse esse momento. Estávamos um pouco longe, mas, consegui me aproximar junto com o pescador e registrei esse momento. Esta experiência de aproximação e conhecimento dos rituais locais foi muito gratificante, senti-me inserido no cotidiano dos pescadores e como fotógrafo-pesquisador senti-me realizado.

Figura 25- Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Nos projetos pessoais Memórias/2015 e Meus Mares/2014, utilizei a câmera fotográfica Canon t3i, e as lentes 18/55mm e 75/300mm.

³ Iemanjá, é o orixá das águas doces e salgadas, 'Rainha do Mar'.

Para expor minha produção artística trouxe como inspiração o artista plástico Miguel Rio Branco⁴, com a instalação Diálogos com Amaú (1983) (figura 26), visando a montagem com tecidos no espaço expositivo onde minhas fotografias foram projetadas. É uma das primeiras incursões do artista com instalação audiovisual, apresentada pela primeira vez na XVII Bienal de São Paulo. Na obra, a ideia de fazer uma montagem cinematográfica a partir de imagens paradas é levada ao limite: cada um dos carrosséis dos projetores contém 80 fotos que se repetem e se alternam rapidamente nas telas de tecido, criando sobreposição entre elas. O fio condutor das imagens é uma série de retratos de um índio caiapó, o Amaú do título.

Figura 26- Galeria Miguel Rio Branco, Diálogos com Amaú, 1983.



Fonte: Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br>>. Acesso em: 04/06/2015.

Minha produção artística foi composta por dois tecidos suspensos, um branco para melhor visualizar as imagens, e outro azul lembrando as cores do mar (figura 27). Os tecidos serviram de suporte para a projeção das imagens realizadas pelo projetor. As fotografias projetadas passaram por edições, através de filtros trabalhei cada imagem dando um realce maior às expressões das pessoas.

⁴ Miguel da Silva Paranhos de Rio Branco, artista plástico Espanhol.

Figura 27- Exposição obra ,2015.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início desta pesquisa minha vontade foi unir a linguagem fotográfica, que sempre me despertou interesse e admiração, com algo relacionado à minha vida pessoal, assim conseguiria argumentar e realizar um trabalho com algo que realmente tivesse relação com as minhas vivências. Resolvi direcionar meu olhar para o mar, lugar que sempre fez parte da minha vida, assim como já destacado, a praia é meu porto seguro e faz parte da minha cultura.

No início não sabia de que forma iria unir a fotografia com a minha cultura, e foi pensando e conversando com minha orientadora que veio a ideia de unir esses dois temas com a memória, e assim iniciou-se as primeiras pesquisas, até alcançar o resultado final fazendo a relação dos três assuntos, originando o título, 'Fotografia e Memória: Saturações do Mar'.

Abordando esse tema, comecei a observar os pescadores do Farol de Santa Marta, com um olhar direcionado em buscando costurar um caminho que relacionasse o cotidiano dos pescadores com o mar, comecei então perceber em cada olhar, em cada rosto, expressões fortes, marcas deixadas pelo tempo e pela vida no mar. Partindo destas observações pude iniciar esta pesquisa de trabalho de conclusão de curso, a partir também de minhas vivências.

Sabia que iria ser um desafio grande, pois além de buscar argumentações para defender essa ideia, precisaria conviver com os pescadores em busca de imagens que descrevessem a proposta artística.

A produção artística realizada respondeu a problemática da pesquisa, pois apontou a fotografia de rostos e expressões dos pescadores, como possíveis capturas de memória através das imagens. E o estudo realizado, atendeu aos meus objetivos e oportunizou-me conhecer autores e artistas que enriqueceram meus conhecimentos e meu olhar.

Ao pesquisar sobre artistas fotógrafos, conheci Alexandre Sequeira que em um de seus projetos contava um pouco da cultura de outras pessoas através de suas fotografias, foi uma fonte muito grande de inspiração.

Durante a pesquisa fui percebendo as novas possibilidades por meio da linguagem fotográfica, em cada imagem capturada uma nova poética, meu olhar foi ficando cada vez mais fixado nos detalhes, expressões que fossem dando vida a minha proposta artística. Tive a oportunidade de inserir-me, mesmo que por pouco

tempo, no cotidiano de outras pessoas como fotógrafo-pesquisador. Uma experiência única, a cada imagem uma nova sensação, a realização de estar registrando momentos únicos. Esse projeto buscou relações com minha história pessoal impregnadas de memórias e vivências naquele ambiente e naquela cultura.

Penso que esta experiência de captar imagens que possam transmitir as memórias do mar, a cultura e o cotidiano dos pescadores fez-me amar ainda mais a fotografia, a arte e suas possibilidades de nos aproximarmos das pessoas. Pretendo continuar esta pesquisa fotográfica visando a participação em editais e exposições, pois esta experiência pessoal foi muito enriquecedora, sendo propulsora de novas propostas artísticas com foco na fotografia e na memória.

REFERÊNCIAS

APPOLINARIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Obras Escolhidas**: vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.

BRANCO, Miguel Rio. **Miguel Rio Branco**. Disponível em <www.miguelriobranco.com.br>. Acesso em: 04 jun. 2015.

CAMPANY, David. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

CATTANI, Icléia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: Bríte S, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). **O meio como ponto zero**. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAVALCANTI, Luciana. **A teia de fatos de Alexandre Sequeira**. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/a-teia-de-afetos-de-alexandre-sequeira/>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 1993.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FUNDAÇÃO RASGAMAR. **A história do Farol de Santa Marta**. Disponível em: <<http://sosfaroldesantamarta.blogspot.com.br/2010/03/historia-do-cabo-de-santa-marta-grande.html>>. Acesso em: 28 maio 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAASSEN, Morgan. **Morgan Maassen**. Disponível em: <www.morgammaassen.com>. Acesso em: 14 abr. 2015.

PROUST, Marcel. **A prisioneira**. 13 ed. Trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. São Paulo: Editora Globo, 2002.

ROUILLE, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VINICIUS, Marcelo. **Por trás das fotografias de Sebastião Salgado**. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/cafe_ao_te_deixa_mais_cult/2014/04/por-de-tras-das-fotografias-de-sebastiao-salgado.html>. Acesso em: 14 abr. 2015.

APÊNDICE (S)

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Memória e Fotografia – Saturações do Mar**, que faz parte do Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Através desta pretendemos investigar **as possibilidades de unir a fotografia e a memória através da captura de imagens dos pescadores que possam evidenciar as marcas de memórias que o mar pode trazer**. Para a realização da pesquisa, pedimos sua autorização na utilização das fotos que se fizerem necessárias. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados coletados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmico **Diego Freccia**, da 8ª fase de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC orientada pela professora **Angelica Neumaier**.

Concordo com o teor acima exposto.

João de Andrade Filho
Nome Completo

João de Andrade Filho
Assinatura

Criciúma (SC), 30 de Maio de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Memória e Fotografia – Saturações do Mar**, que faz parte do Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Através desta pretendemos investigar **as possibilidades de unir a fotografia e a memória através da captura de imagens dos pescadores que possam evidenciar as marcas de memórias que o mar pode trazer**. Para a realização da pesquisa, pedimos sua autorização na utilização das fotos que se fizerem necessárias. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados coletados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmico **Diego Freccia**, da 8ª fase de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC orientada pela professora **Angelica Neumaier**.

Concordo com o teor acima exposto.

Diego Roberto Freccia
Nome Completo

Diego Roberto Freccia
Assinatura

Criciúma (SC), 30 de Maio de 2015.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Memória e Fotografia – Saturações do Mar**, que faz parte do Curso de Artes Visuais – Bacharelado. Através desta pretendemos investigar **as possibilidades de unir a fotografia e a memória através da captura de imagens dos pescadores que possam evidenciar as marcas de memórias que o mar pode trazer**. Para a realização da pesquisa, pedimos sua autorização na utilização das fotos que se fizerem necessárias. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados coletados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmico **Diego Freccia**, da 8ª fase de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC orientada pela professora **Angelica Neumaier**.

Concordo com o teor acima exposto.

Jaques Rogério
Nome Completo

Jaques Rogério
Assinatura

Criciúma (SC), 30 de Maio de 2015.

ANEXO (S)

ANEXO A – PROJETO MEMÓRIAS, 2015.

Figura: Projeto Memórias, 2015.



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador.

Figura: Projeto Memórias, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.